

BREVES ESTUDOS NA FLORA PORTUGUESA

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS



SEPARATA DO
ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA
ANO IV

1938

Sala B

Est. 1

Tab. 1

N.º 42

Ex. Sr. Prof. Dr. Conceição de Costa
Bomfim do
A. Taborda de Sousa

INV.- N 2896

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA

1776

Est. 6 Tab. 7 N.º 17

BREVES ESTUDOS
NA FLORA PORTUGUESA

3888

BREVES ESTUDOS NA FLORA PORTUGUESA

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS



SOCIETY OF BROTHERS
DE CARVALHO

RC

MNCT

58

MOR

SEPARATA DO
ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA
ANO IV

1938

BREVES ESTUDOS
NA FLORA PORTUGUESA

DE J. B. S. P. & J. B. S. P.



1911



1911

BREVES ESTUDOS NA FLORA PORTUGUESA

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS

Lavandula officinalis CHAIX in Vill., Hist. Pl. Dauph. I (1786) 355 et II (1878) 363; D. A. CHAYTOR, Study of the Genus *Lavandula* in Journ. Linn. Soc. London LI 338 (1937) 172; M. L. GREEN, Botanical names of Lavander and Spike in Kew Bull. 6 (1932) 295 et 2 (1935) 75.

Lavandula latifolia MOLLER non WILL. + *Lavandula vera* DC. var. *pyrenaica* [non BENTH.] MOLLER, Catalogo das Plantas Medicinaes que habitam o continente portu-guez (1882) 91.

Lavandula Spica L., A. PEREIRA COUTINHO, As Labiadas de Portugal in Bol. Soc. Brot. XXIII (1907) 155-156 et Flora de Portugal (1913) 528.

Floresce e frutifica: Junho a Setembro.

α var. **angustifolia** ROUY & FOUC., Fl. Fr. XI (1909) 255 fide CHAYTOR, l. c., 173.

Exsiccata: Lyon, JORDAN!

Distribuição em Portugal: Monchique.

Ecologia: Espontânea (ou subespontânea?)

Especímenes: Monchique (alt. 500 m.) Junho 1887, MOLLER!

β var. **delphinensis** ROUY & FOUC., l. c., 255 fide CHAYTOR, l. c., 173.

Exsiccata: C. PRIMOT in Herb. J. Garnier-Flore de la Meurthe, Vandoeuvre près Nancy (calcaire

jurassique), juillet 19. 6! POSCHARSKY in Flora Dalmatica, Salona, 17-6-1895! RIOLEUX, juillet 1891, GODET (?)! St. Paul, à Valmolle (Hérault) 2 juillet 1889, SILHOL! Herb. Analyticum (Coll. M. Buysman) n.º 74!

Distribuição em Portugal: Todo o país.

Ecologia: Cultivada.

Especímenes: Cult. em Cintra, 10 Julho 1843, n.º 3585! Cult. em Coimbra, Junho 1876, MOLLER!

γ var. *pyrenaica* BENTH., Lab. gen. et Sp. (1832) 149 fide CHAYTOR, l. c., 174.

Exsiccata: ABBÉ MAILHO in Soc. Dauphinoise n.º 724! Caroli Pau herb. hisp., julio 1901! Herb. L. Giraudias-Plantes de France, 17-7-89!

Não encontrei espécimes portugueses, ainda que MOLLER mencione esta variedade como ocorrendo no país.

Lavandula latifolia VILL., Hist. Pl. Dauph. II (1787) 363; D. A. CHAYTOR, l. c., 174.

Exsiccata: F. Scultz, herb. norm. n.º 578! ARISTOLOBE, in Société Cénomane d'exsiccata n.º 687! Herb. Ch. Arnaud-Layrac (Lot & Gar.) St. Gúiraud (Hérault), 8 sept. 1897, AUBRY! Herbier L. Giraudias-Plantes de France, juillet 92, GUILLOT! et 29-7-88! Drôme, Crest, in collibus aridis, 8-77, HERVIER! Cesati et Caruel pl. Ital. bor. n.º 425! Plantes d'Espagne, 11-9-1906, F.^{RRS} SENNEN ET ELIAS!

Distribuição em Portugal: Observada por mim desde Assafarge a Vila Sêca, ao sul de Coimbra, nos cabeços a um lado e outro da estrada.

Ecologia: Espontânea em manchas de maior ou menor extensão nas partes mais áridas do Jurássico inferior (Sinemuriano).

Floresce e frutifica: Julho a Setembro.

Especímenes: TABORDA DE MORAIS in Herb. Inst. Bot. Univ. Conimbrigensis n.ºs 3758 et 3813!

Os espécimes mencionados condizem perfeitamente com os da Itália, França e Espanha, países que com a península dos Bálcãs constituem a área geográfica da espécie.

É um subarbusto de até 1 metro de altura, acinzentado, muitas vezes associado à *Stachelina dubia* L. e realizando os dois tal mimetismo com a côr clara do solo calcáreo que nele se apagam à primeira vista.

O carácter numérico das flores existentes na axila de cada bráctea que separa as secções do género — para um lado *Stoechas* e *Spica*, plurifloras, com até 7 flores na axila de cada bráctea, para outro *Pterostoechas*, *Chaestostachys* e *Subnuda* com 1-2 flores — apresenta-se nos nossos exemplares variável, predominando até as brácteas 1-floras e sendo só na base da espiga que geralmente aparecem as brácteas 3-floras. Igual facto se observa porém na maioria dos exemplares de *exsiccata* mencionados, pois só nos dois últimos existem realmente as brácteas 3-floras.

É esta espécie nova para a flora de Portugal.

Certamente que em Adolpho Frederico Moller, «Catalogo das Plantas Medicinaes que habitam o continente portuguez», se menciona a *Lavandula latifolia* WILL. (= *L. Spica* β . L., *L. vulgaris* β . LAMK., *L. Spica* D.C.) ao mesmo tempo que a *Lavandula vera* D.C. var. β . *pyrenaica* BENTH (= *L. Spica* α . L., *L. Spica* GR. GODR., *L. vulgaris* α . LAMK., *L. officinalis* CHAIX., *L. pyrenaica* D.C.) apresentando-se ambas como originárias da região mediterrânica e muito cultivadas em Portugal nas hortas e quintais.

Mas se é verdade que está bem feita a separação entre a primeira das duas como sinónimo da *L. Spica* β . L. e a segunda como equivalente ao tipo da mesma *L. Spica* [Sp. Pl. (1753) 572], também é verdade que as plantas do próprio Moller existentes no Herbário dêste Instituto documentam o êrro de determinação. Com efeito os espécimes que mencionámos de Moller: Monchique 1887 e Coimbra, Junho 1876, classificados como *Lavandula latifolia* WILL. não pertencem a esta espécie, pois são a verdadeira *Lavandula officinalis* CHAIX (= *L. Spica* L. var. α .)

Mais tarde o Sr. Prof. Pereira Coutinho em «As Labiadas

de Portugal», no Bol. Soc. Brot. xxiii (1907) pp. 155-6, examinando os mesmos espécimes denominou-os como *Lavandula Spica* L. considerando o de Monchique como da var. *delphinensis* (JORD.) BRIQ. e o outro, certamente, como da var. *angustifolia* (GING.) BRIQ. Houve no entanto um lapso na atribuição dos espécimes pois o que possui folhas mais estreitas e espigas menores (mais curtas e mais delgadas) — P. Coutinho, Flora de Portugal (1913) p. 528 — é precisamente o de Monchique, sendo êste de facto o representante da var. *angustifolia*.

As duas espécies distinguem-se com segurança por esta maneira:

Brácteas florais axilantes triangular-ovadas, mais ou menos largas, acuminadas	<i>L. officinalis</i> CHAIX
Brácteas lineares, mais estreitas, até 1 mm. de largura	<i>L. latifolia</i> VILL.

Senecio mikanioides OTTO ex WALP., in OTTO & DIETR., Allg. Gartenz. XIII (1845) 42 ex Ind. Kew.; BAILEY, Stand. Cycl. Hort. (1917) 3150.

Senecio scandens DC., Prod. VI (1837) 404, nomen illegitimum; CHODAT, Voyage d'Études Géobotaniques au Portugal (1913) 56.

Distribuição em Portugal: Observada nas regiões do Litoral desde o Tejo ao Minho.

Ecologia: Subespontânea nas margens dos cursos de água, trepando aos troncos das árvores e em sebes nos bordos dos campos de cultura.

Floresce: Dezembro a Fevereiro.

Especímenes: Coimbra: Penedo da Meditação, Janeiro 1883, J. GUIMARÃES!

Espécie originária como o Trevo azêdo da África do Sul vive em Portugal nas condições de subespontaneidade que vamos acentuar.

A primeira menção dela no nosso país cremos que é a de Chodat, l. c., ainda que exista no Herbário dêste Instituto desde 1883; ultimamente pude eu mesmo assinalar a sua presença em vários pontos do país. Pelo menos entre Coimbra e Viana do Castelo ao longo do litoral a planta observa-se em muitas localidades. Particularmente nos arredores de Coimbra cresce nas sebes, junto dos quintais, próximo dos ribeiros como ao norte de Santo António dos Olivais, em grande quantidade nas margens do Mondego cobrindo as árvores como a Hera, nas povoações circunvizinhas: Tovim, Eiras, etc. Ao longo da estrada de Coimbra a Aveiro por Mealhada igualmente se encontra em vários pontos e vi-a finalmente ainda junto de Vila do Conde e Viana do Castelo. Os incultos do nosso Jardim Botânico cobrem-se em Janeiro com os seus capítulos amarelos. E se algumas vezes a sua presença é devida à cultura, noutras é porém evidente a subespontaneidade.

Não frutifica, é certo, e a sua propagação faz-se apenas por estaca, pequenos fragmentos que se soltam e são por qualquer meio dispersados, principalmente pela acção do homem, sendo esta sem dúvida a razão porque não se encontra longe dos povoados. Será assim um *clone* como outros da nossa própria flora espontânea.

Assinale-se que em Paris nem sequer floresce fora das estufas [Revue Horticole, Paris (1909) p. 406]. O nosso clima permite-lhe ir um pouco mais além mas não o bastante para a produção de sementes.

Se é certo pois que o seu poder de migração é pequeníssimo e que será sobretudo o homem que a propaga, nem por isso deve deixar de ser assinalada como uma subespontânea da nossa flora onde há dezenas de anos se instalou e vive em condições naturais.

Galinsoga parviflora CAV., Icones III (1794) 41, t. 281; REICHENBACH, Icones XVI (1854) 23, t. 983; FIORI & PAOLETTI, Icon. Fl. Ital., II (1899-1904) 437; NYMAN, Conspectus Florae Europaeae (1878-88) 385; MOSSERAY, Matériaux pour une flore

de Belgique in Bull. Jard. Bot. de l'État, Bruxelles, XIV (1937) 319-327, fig. 24.

Exsiccata: F. Schultz, herb. normale n.º 278! Herb. normale editum ab I. Dörfner n.º 3251! MECHTITZ, in Herb. Mechtitz, Breslau, 13-X-1878! Mexique-Morelia, 4-9-909, ARSÈNE!

a var. **genuina** THELLUNG, Ueber die in Mitteleuropa vorkommenden *Galinsoga* formen in All. Bot. Zeitschr., 21 (1915) 1-16, fide MOSSERAY, l. c., 322.

Distribuição em Portugal: Arredores de Coimbra e campos do Mondego até à Figueira da Foz.

Ecologia: Subespontânea nos campos cultivados.

Floresce e frutifica: Julho a Novembro.

Espectmenes: Coimbra, Choupal, 1921, MENDONÇA! Herb. Inst. Bot. Univ. Conimbrigensis n.º 3817!

Nyman, l. c., dá a planta como ocorrendo subespontaneamente na Lusit., Angl., Dan. etc.; ocorre também segundo exame de espécimenes no Herbário deste Instituto na Itália, Áustria e Hungria.

Canavilles viu-a nos Jardins Reais de Madrid e de Paris proveniente de sementes enviadas do Peru em 1785. Desde então apareceu, além dos países já indicados, na Alemanha (1798), na Inglaterra onde foi colhida pela primeira vez em 1809, na Bélgica (1827), na Holanda (1850), na Polónia, Suíssa, Dinamarca e sul da Noruega em 1860, em França, na América do Norte (1893), na Índia (1845), em Java (1899), na Nova Zelândia (1894), na África do Sul (1912), em Angola (1931, Gossweiler n.º 9536), nas Filipinas (1928), nos Açores. A sua origem é dos Andes da América do Sul.

Os autores portugueses não a mencionaram até hoje em Portugal, particularmente o Dr. Júlio Henriques no seu «Esbôço da flora da bacia do Mondego» (1913) e o Sr. D. António Pereira Coutinho na «Flora de Portugal» (1913), embora Nyman a tivesse apontado como vivendo na Lusitânia.

Das observações feitas na Europa sôbre a sua ecologia verificou-se que tem necessidade de solos mobilizados e com uma certa humidade, parecendo que lhe é indiferente a sua qualidade química, embora com predilecção pelos terrenos nitrosos.

A sua dispersão através do mundo é essencialmente antropogénica, quer porque seja o homem a causa da sua disseminação com o comércio de sementes ou outros objectos susceptíveis de transportar consigo os aquénios, quer porque sejam as condições da vida humana que lhe criem o habitat predilecto. Os alemães denominaram-na em certas regiões do seu país «Fransozenkrant» e pensa-se que a razão do nome é a de terem sido os exércitos franceses que em 1807 provocaram a sua dispersão naqueles pontos.

Também se atribue aos transportes por via marítima a sua presença junto dos portos de Lovaina, Gand e Anvers.

A dispersão conhecida em Portugal, entre Coimbra e a Figueira da Foz, tanto pode ser explicada admitindo a sua introdução pelo pôrto da Figueira e emigração até Coimbra, como a sua vinda primeiramente para Coimbra atravez da larga troca de sementes que o Jardim Botânico realiza e a sua dispersão consecutiva pelo rio como é conhecido mais de um exemplo (os seus aquénios, com largo papilho escamoso, parecem de facto adaptados à dispersão por via fluvial), ou por qualquer outro meio.

Para a história da distribuição desta espécie na Europa podem consultar-se: JOVET (P.) et J. VERGNET, Note sur deux adventices: *Galinsoga parviflora* Cav. et *Artemisia annua* L. (Bull. Soc. Bot. Fr., 75, 1928, p. 930); MAJDECKA-ZDZIARSKA (E.) *Galinsoga parviflora* Cav. et *Galinsoga hispida* Benth. (Bull. intern. Sc. Pol. Sc. et Lettres, I, BI, 1929, p. 105); RIDLEY, The dispersal of plants throughout the world, 1930, p. 51; WILCZECK (E.), Présence d'un *Galinsoga* dans le Canton de Vaud (Bull. Soc. Vaud. des Sc. Nat. vol. 57, n.º 224, 1930, p. 115); Idem, La dissemination des *Galinsoga* (Idem, vol. 57, n.º 226, 1931, p. 223); JOVET (P.) Histoire d'une plante introduite: le *Galinsoga parviflora* Cav. (C. R. Soc. Biogéogr: n.º 64, 1931, p. 23).

Euonymus europaeus L. (= *Evonymus europaeus* L.), Sp. pl. I (1735) 197; SPRAGUE, The correct spelling of certain generic names in Kew Bull. 7 (1928) 294.

Exsiccata: Herb. analyticum de M. Buysman n.º 222! Transcaucasia centralis pagus Prijut, MICHAILOWSKY! In dumentis sepibusque prope Galindo, Somorrostro, Sopena etc. in ditione las Encartaciones, 14 Maio 1850—In sepibus prope *Bilbao* et alibi in Vizcaya, Guipuzcoa, Navarra, Arragonia alta, Maio-Junio 1850—In sepibus prope Irun, Junio 1850, WILLKOMM!

Distribuição em Portugal: Alto Trás-os-Montes.

Ecologia: Espécie residual, próximo dos cursos de água.

Floresce e frutifica: Maio a Novembro.

Especímenes: Rebordãos, 6-77, M.^{EL} FERREIRA! Arredores de Bragança: Castro de Avelãs, julho 1897, MARIZ! Miranda do Douro, S. Martinho de Angueira, junto à ribeira de Angueira, 18-9-1928, TABORDA DE MORAIS! Margens do Sabor, junto a Argoselo, 21-11-932, P.^{dre} MIRANDA LOPES!

A propósito do que sobre esta espécie escrevi nas minhas «Notas sobre a Flora portuguesa», Bol. Soc. Brot. xi (1936) p. 166, teve a bondade de me escrever o venerando professor e botânico eminente Sr. Ant. X. P. Coutinho, o mestre que sempre procuro seguir pela ordem, pelo método e pela disciplina de que deu exemplo no seu estudo da flora portuguesa, para me dizer que «não basta aparecer um ou outro pé, durante um ou poucos anos, para a espécie dever entrar na *Flora* do país de introdução; é preciso esperar e ver como ela se comporta de futuro. O *Evonymus* . . . não o colocaria na Flora de Portugal só por terem aparecido, talvez mesmo cultivados, um ou poucos exemplares em Trás-os-Montes».

O critério é excelente; simplesmente no caso presente creio que ocorrem todos os requisitos que ele exige.

Assim a distribuição no país, no tempo e no espaço, verifica-se por esta ordem de datas e disposição de locais: em 1877 e 97 encontraram-na Manoel Ferreira e Marizo primeiro na Serra da Nogueira (Rebordãos), o segundo um pouco mais ao norte em Castro de Avelãs (as respectivas etiquetas dos

exemplares conservados neste Instituto Botânico não acrescentam quaisquer pormenores, mas, sobretudo tratando-se de herborizações botânicas, não revelam que fôsem de planta cultivada ou supeita de tal); em 1928 foi encontrada por mim em São Martinho de Angueira (um só exemplar no bôrdio de um prado natural nas margens da Ribeira de Angueira); em 1932 encontrou-a o Sr. Padre Miranda Lopes (eu próprio classifiquei sem dúvida alguma o seu espécimen frutificado) em local afastado das povoações, sem sinal de cultura, nas margens do Sabor (Bol. Soc. Brot., VIII, 1932-33, p. 185).

A contiguidade desta área com outras da Europa pode avaliar-se pelo que se segue.

Willkomm, «Prodromus Florae Hispanicae» III (1880) p. 478 escreveu dela: «In dumetis, nemoribus sepibusque regionis inferior et montan. Hispaniae boreal. central. et oriental. passim: in Astur., Cantab., utraque Cast., Navarra et Aragon. super., Catal.

Hab. in Europa fere omni (exc. Lusit., Hisp. australi, Scand. bor. et med.), Tauria, Caucasia, Asia min., Sibiria Uralensi».

Aquela exclusão da Lusitânia significa apenas que não viu espécimes de Portugal que à data da elaboração da sua obra não existiam certamente.

Jacques Roi, «Les espèces eurasiatiques continentales et les espèces boréo-alpines dans la région méditerranéenne occidentale» (1937) p. 81, diz da espécie: «France: assez commun le long des cours d'eaux et dans les haies. Espagne septentrionale, centrale et occidentale: passim. Italie septentrionale: rare dans la partie méridionale. Sicile, Corse». É uma das espécies assinaladas na região mediterrânea com distribuição dominante na «Région eurosibérienne—boréoa-méricaine. Europe centrale; limite nord: 58° lat. Asie occidentale. Amérique septentrionale». A página 132 diz ainda o mesmo autor, pelo testemunho de Braun-Blanquet, que na Catalunha, margens do Tordera, perto de Empalme, num levantamento fitogeográfico o *Euonymus europaeus*, foi inventariado em estrato arborescente com *Alnus glutinosa*, *Cornus*

sanguinea, *Populus alba*, *Ulmus campestris*, *Ligustrum vulgare*, *Quercus pubescens*, *Cornus mas*, *Fraxinus (oxicarpa)* e a expansão horisontal de 90 0/0.

Assim, parece que devemos antes considerar esta planta na Península não como subespontânea e introduzida, mas bem como o vestígio dum mais largo domínio em espécie autóctona cuja origem remonta pelo menos ao Quaternário inferior (Braun-Blanquet, *L'origine et le développement des flores dans le Massif Central de France*, 1932, pp. 12, 14, 16 e 17) ainda hoje se encontrando com uma rara «fidelidade social» na consociação das mesmas espécies companheiras do Pliocénio inferior e do Quaternário como *Abnus glutinosa*, *Cornus sanguinea*, *Populus alba*, *Ulmus campestris*, *Ligustrum vulgare*, *Quercus pubescens*, *Fraxinus oxicarpa* (Braun-Blanquet, l. c., pp. 8, 12, 13 e 23). Em Portugal nem sequer lhe falta (Taborda de Moraes in *Bol. Soc. Brot.* vol. XI, 1936, p. 166) um, entre outros, dos companheiros muito fiéis das suas associações do Quaternário — o *Buxus sempervirens* (Braun-Blanquet, l. c., pp. 12 e 16), como êle também raro entre nós e provavelmente em via de desaparecimento no estado espontâneo (P. Coutinho, *Flora de Portugal*, p. 392).

Dos antigos Texydor y Cos, «*Flora pharmaceutica de Hespanha e Portugal*» (1871) p. 978, aponta a espécie para quási toda a Península; mas logo Moller, «*Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez*» (1882) p. 149, escreve: «Não nos consta que esta planta habite no nosso paiz, apenas a temos visto cultivada», isto a-pesar-do espécimen de M.^o Ferreira citado (1877). Simplesmente êste espécimen foi primitivamente classificado como *Cornus sanguinea* L. (letra do Dr. Júlio Henriques) assim certamente devendo ter sido visto por Moller, sendo só mais tarde que lhe foi dado o seu verdadeiro nome, provavelmente por Mariz ao estudar o seu próprio exemplar (1897), conforme o autoriza o confronto da letra nas etiquetas dos dois referidos espécimenes.

Oxalis cernua THUNB.

Sabe-se como o «Trevo azêdo», nome vulgar desta espécie, constitue uma praga na agricultura das províncias litorais de Portugal cobrindo literalmente os terrenos siliciosos de cultura logo aos primeiros bons dias de Janeiro e mesmo de Dezembro. Tenho verificado que não suporta ou evita os solos calcáreos.

De origem sul-africana, a história da sua migração na região mediterrânea é conhecida. Aparece em Malta em 1806, na Líbia em 1824, em Gibraltar e no Cairo em 1826, na Sardenha em 1837, na Algéria antes de 1847; existia em Nápoles, Sicília, Córsega e Smirna em 1848, nas Canárias após 1840; encontra-se na Madeira e em Portugal onde a sua distribuição exacta não é conhecida, mas posso afirmar que não chega, no Portugal continental, às províncias do interior (Trás-os-Montes).

Tem sido tida, geralmente, como propagando-se apenas por bolbilhos na região mediterrânea; no nosso Laboratório acreditava-se na sua esterilidade e também no «Suplemento da Flora de Portugal» (1935) do Sr. D. António P. Coutinho assim é considerada utilizando-se mesmo êste carácter para a sua separação taxonómica. Desta forma as suas populações no país não seriam mais do que fragmentos dum verdadeiro e grande *clone*.

No ano passado porém chegando-me às mãos um artigo sôbre a frutificação regular da espécie no Norte de África (Ch. Chabrolin, Les graines de *Oxalis cernua* Thunb. en Tunisie, Bull. Soc. Hist. nat. Afr. Nord. xxv, n.º 9, 1934, p. 396) onde se punha em evidência o facto de passarem as suas cápsulas maduras fâcilmente despercebidas, envolvidas e excedidas como ficam pelo cálix, imediatamente tratei de chamar a atenção do pessoal do Instituto para o facto e realmente poucos dias depois, no mês de Maio, trazia-me o preparador António Cabral as primeiras cápsulas frutificadas de *Oxalis cernua*. Fizeram-se depois pelo decorrer da época observações mais extensas e sempre se encontraram os pés

de *Oxalis cernua* regularmente frutificados e provavelmente sempre assim sucedeu entre nós.

Interessa à agricultura saber agora se estas sementes, que são extraordinariamente pequenas, germinam e gosam um papel na disseminação da espécie, em que percentagem relativamente à conservação e propagação pelos bolbilhos, ou se é apenas de temer a sua persistência e migração pelos segundos. Na primeira hipótese o agricultor há-de defender-se ceifando-a ou destruindo-a de qualquer forma antes da frutificação, tentando evitar por esta maneira sobretudo a sua propagação a distância; no segundo apenas se preocupará com a destruição dos bolbilhos procurando eliminar as plantas, em cada ano, também na melhor época.

O problema tem sido estudado na Argélia e o que lá foi investigado, quer sôbre o ciclo de desenvolvimento vegetativo, quer sôbre a maneira de o entrar, não deve andar longe do que ocorre ou seria conveniente no nosso país.

Dentro em breve esperamos dizer alguma coisa sôbre o assunto.

Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, Setembro, 1938.





RÓ
MU
LO



132965723X

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



Coimbra Editora, Limitada